

## Entre o redemoinho das árvores e dos céus, cada folha, cada planta, conta uma história

doi 10.64493/INV.22.11

Lais Vitória  
Universidade de Brasília,  
Brasília, Brasil

artigo recebido: 8.03.2026

artigo aceite para publicação: 4.05.2026

This work is licenced under a [Creative Commons BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Vitória, L (2026). Entre o redemoinho das árvores e dos céus, cada folha, cada planta, conta uma história . Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes. <https://doi.org/10.64493/INV.22.11>

### Resumo

Este ensaio visual foi feito no contexto da vivência Walking Seminars, como parte do projeto Cartografias Têxteis. Ele relata diferentes momentos da vivência, mas de maneira poética, trazendo impressões e sentimentos. Normalmente meu olhar se volta para detalhes das experiências, como um chá, uma corrente de girinos do famoso sapo Cururu, presente em uma famosa canção de ninar brasileira. Esta vivência foi repleta de águas - águas dos rios, dos igapós, do chá, os caminhos dos barcos, por isso esses detalhes estão todos conectados à água, seus ciclos e histórias, suas diferentes formas de vida: Das águas que nos cercam às encantadas, espíritos da floresta, a experiência também passou pelo feminino das águas e da vida. O feminino é carregado de resistência, e aqui a resistência também é refletida na luta dos povos indígenas por manter a floresta em pé e suas águas limpas. A natureza não precisa de palavras para se expressar. Sua linguagem vai muito além, e atravessa todos os nossos sentidos. Os povos indígenas, mais conectados com ela, têm a possibilidade de vivenciar a relação da natureza com os sentidos de forma mais profunda, como se fosse um diálogo interespecie, de respeito e escuta ativa. Este texto tenta adentrar essas linguagens e participar desse diálogo.

### Abstract

This visual essay was created within the context of the Walking Seminars experience, as part of the Textile Cartographies project. It recounts different moments of the experience, but in a poetic way, conveying impressions and feelings. Typically, my gaze turns to the details within experiences, such as a tea, a stream of tadpoles from the famous Cururu toad, present in a well-known Brazilian lullaby. This experience was filled with waters—the waters of rivers, flooded forests, tea, the paths of boats—which is why these details are all connected to water, its cycles and stories, its different forms of life: From the waters that surround us to the enchanted ones, spirits of the forest, the experience also touched upon the feminine aspect of water and life. The feminine is charged with resistance, and here resistance is also reflected in the struggle of Indigenous peoples to keep the forest standing and its waters clean. Nature does not need words to express itself, its language goes far beyond, reaching through all our senses. Indigenous peoples, more connected to it, have the possibility of experiencing nature's relationship with the senses in a deeper way, as if it were an interspecies dialogue, one of respect and active listening. This text attempts to enter these languages and participate in this dialogue.



Figura 1: Foto do chá dado pelo cacique, 2025

Cada folha, cada planta, conta uma história. Tudo tem seu momento na floresta: o horário dos macacos, dos pássaros cantarem em uníssono, dos sapos coxarem juntos. Há um certo equilíbrio que nós, pessoas das cidades, só percebemos depois.

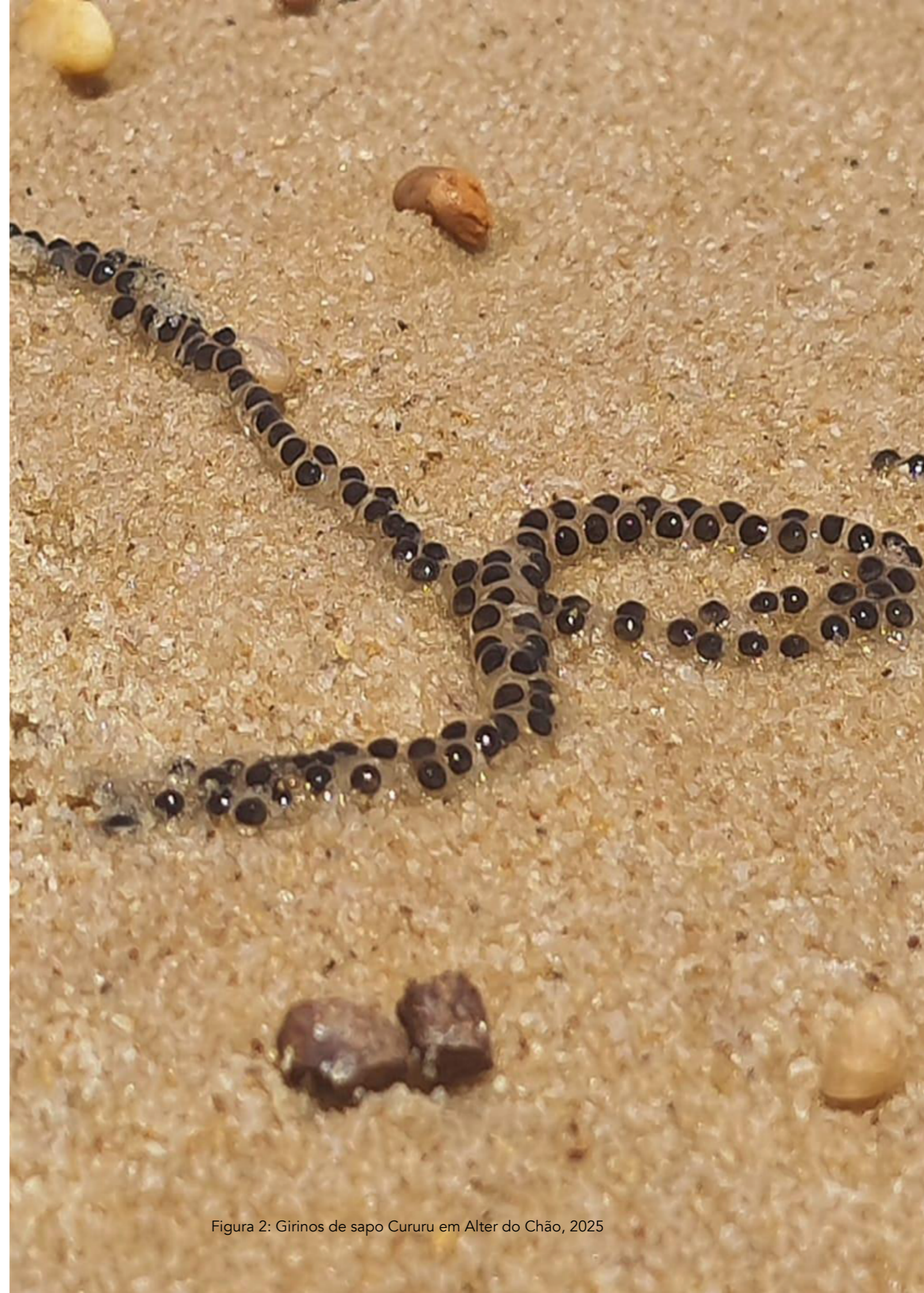


Figura 2: Girinos de sapo Cururu em Alter do Chão, 2025

As ervas curam, matam, assim como muito mais na floresta. Mas há quem entenda e ame os ciclos da floresta, e com isso traga uma sabedoria e poesia ancestral. Nós conhecemos essa sabedoria apenas pela superfície, e a dor da luta deles também. Por mais que escutemos, ainda não vivemos o dia a dia da floresta como os povos originários.

A casca de ipê roxo retirada pelo cacique para a cura da dor do estômago é pensada em termos de quantidade de cascas, da água, até da temperatura (a casca é fervida com a água). Esse conhecimento vem com afeto, com séculos de luta para manter a floresta em pé, e resulta em um auxílio para uma jovem branca que por acaso estava no território Munduruku.

A cor roxa da árvore, com suas cascas repletas de diferentes tons de marrom, tem um sabor amadeirado, doce, e traz todo caminho dos encantados que nos guia pelas florestas. A água, mãe da vida, traz lara e muitas outras encantadas que mergulham nos rios amazônicos. O cacique Domingos nos contou da encantada que vive no igapó, a irmã dele estava lá quando viu um saco repleto de ouro, e quando tentou alcançá-lo quase foi levada para dentro dos rios com ele. A vida na floresta é muito mais complexa do que podemos imaginar.



Figura 3: Barcos no rio Tapajós

A água que conta histórias de tempos ancestrais é a mesma que nos levou por caminhos inconclusos neste igapó da encantada. A água entrava no barco, tudo parecia parado e o silêncio quase religioso. Estávamos em um templo e não conhecíamos sua deusa.

Ao sairmos do igapó, foi como se o tempo voltasse a correr e as águas pararam de entrar no barco. Afinal, tivemos a permissão sagrada para adentrar o território Munduruku. É necessário ter reverência para entrar em determinados espaços, e não tratar como um passeio turístico. Talvez o grupo não estivesse respeitando o espaço suficientemente para a encantada, e quando entendemos a necessidade do silêncio, do respeito, pudemos entrar tranquilamente. O cacique nos esperava em sua canoa em frente à comunidade.

A água que nos apresentou a reverência pela força da floresta e seu povo foi a mesma que nos banhou nesta noite, nos alimentou e cujo chá curativo também é feito. A árvore é englobada pela água ao se fazer o chá. A terra, a água, nutre as raízes da árvore. São muitos ciclos passados até chegarmos ao chá, o conhecimento humano e não humano. Será que a árvore conhece seu poder?



Figura 4: Árvore amazônica em Alter do Chão

As folhas de outras árvores rodeiam o chá enquanto beberico sua história a partir dos aromas e sabores de cada gole e escuto os colegas conversarem sobre a conexão da vida com a loucura, e se realmente existe loucura ou se o mundo intitula louco o que não é padrão. A meu ver, a floresta conta que há ordem no caos, e que só é caos porque nós somos incapazes de ver a ordem. A loucura também é assim, a gente que exige sentido e não enxerga a profundidade no que não entendemos. Talvez a única razão seja o fato de que perdemos a simplicidade no caminho da construção da cidade, e com isso qualquer sentido que a vida poderia ter.

A madeira que nos sustenta no chão que sobrepõe a floresta, e que engloba meu simples copo de chá, é outro momento da vida da floresta. Suas raízes e copas estão, felizmente, muito próximas de nós enquanto conversamos e eu bebo meu chá. A floresta viva em suas muitas formas traz em cada um diferentes sentimentos e narrativas. A subjetividade de cada um é um sopro para a floresta e suas águas, novas formas de contar a vida e o tempo.



Figura 5: Entre águas e florestas em comunidade ribeirinha

A água sustenta a floresta, a madeira que a transforma passa do material para o imaterial, das histórias para a vida objetiva, dos encantados para a energia das pessoas. É um redemoinho de Saci com a vertigem das encantadas.